

- retratos em (des)figurações no campo pictórico: visualidade e as identificações em meio às espacialidades esquecidas do cotidiano -

JULIA RAMLA CUNHA BUENO¹; ANDRÉ BARBACHAN SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – amorajuart@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tecobarbachan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As séries de trabalhos produzidas na graduação escolhidas neste artigo insere o processo criativo de retratos, sendo eles a representação repetitiva que na sua descaracterização possibilita constituir uma narrativa visual e desmascarar discussões metodológicas sobre os gestos em impressões serigráficas que atravessam a pintura, responsável por descompor as perspectivas de realismo e expressões de gênero, de ser e estar presente, fatores que relacionam esta série para o campo da memória por meio dos materiais, conduzidas pela colagem e por excesso de faturas, a série que em seu desdobramento determinam procedimentos pictóricos que transpõem sensações de vazio. As desconstruções e o espaço urbano, sendo os mecanismos para percorrer os trajetos que compõem as obras, as exposições e o lambe ao apropriar desta visualidade, fazem destes espaços alegorias que fomentam minhas abordagens dentro da poética pessoal, operando com o tempo e a construção de uma escrita, que ressaltam as espacialidades esquecidas do cotidiano, como também as que nascem das experiências, abastecidas da memória que no campo da arte contemporânea estão altamente conectadas por meio da multiplicidade de suas obras (CANTON, 2009, p.57).

Entre os gestos e as intervenções realizadas em páginas antigas, apoderando de espaços urbanos diante de encontros e vivências que permitem afirmar meus projetos pessoais em período introdutório de minha Tese de Conclusão de Curso, ressalto neste texto experiências com coletivos, trabalhos realizados em ateliês e na biblioteca de uma ocupação composta por mulheres e pessoas trans, tornando se ações de resistência que propõem afirmar-se enquanto identidades, as ações do tempo tanto nas abordagens de ressignificação pessoal como nas obras realizadas por meio do Lambe entre os muros e as sarjetas. Portanto ocupar terrenos, ambientes e ausências caminham junto a impregnações das tintas, que preenchem a superfície de uma tela ou o vazio de uma página. Se as instituições, as ruas e a cidade são os dispositivos para mediar estas relações, entre a visibilidade dos trabalhos artísticos e as identidades. O que fazer com as espacialidades esquecidas do cotidiano, seja pela pintura, ou pela representatividade. E o que fazer quando esses encontros tornam-se possíveis?

As séries inseridas aqui por entre palavras concebem a diversidade de pinturas e impressões na intenção pessoal de desfigurar um rosto em sua realidade expressiva e das perspectivas de gênero diante de suas construções. Neste trajeto construído por retratos e palavras que caminham em paralelo às leituras a cerca dos estudos sociais, filosofia da arte e da antropologia. Onde abordo questões relacionadas às práticas performativas na qual Judith Butler descreve sendo sistemas de abordagens pessoais mediadas pelo mundo, como um conjunto de possibilidades históricas e reinventadas. (BUTLER, 2011, p.69-89). Que corpo é esse que resiste diante de construções que demarcam áreas? Estes processos onde apenas a artista mulher trans pode vivenciar, ao produzir um trabalho marcado pelo anonimato e que permitiu intervir com as visualidades urbanas casuais, comunicando com as condições de sair às ruas e por entre suas

multiplicidades e efemeridades, inserir um discurso pessoal. Um determinado estranhamento que possibilitou observar nestes espaços uma saturação das reproduções de imagens sem usos, rastros e outras obras, o corpo de onde habitam descobrimentos de realidades que se formam no contato com o outro. Diante deste maquinário abastecido pela cidade em uma constante mutação, onde tudo exclama a sua existência, reencontro com o local de fala onde a palavra torna-se identificação e diversas identidades diante dos espaços sem usos, portanto objetiva-se minimamente ressignificar estes ambientes produzindo uma diferença.

2. METODOLOGIA

As obras representadas por retratos a partir deste ano de 2018 foram constituídas em quatro séries, na primeira parte intitulada “Des” é configurada através da pintura que em representação gráfica opera na criação de perfis sem rostos, por meio de retratos diante do nosso mundo tomado por reproduções. As colagens intensificam os tons ao criar novas faces dentro da mesma tela, algo que sobressai o corpo imaginado, a desfiguração deste sujeito-rosto, onde uma folha de revista antiga dos anos 40 reproduzia o racismo com os povos nativos do Brasil, permite encontrar nestas páginas um suporte que revelou as cores da pintura produzidas em giz pastel oleoso, assim como impulsionou minha pesquisa dentro da temática das identidades e suas relações de poder. (Figura 1). Para sobrepor o determinado vazio e peso dos empastes que identifico nesta série, que contém outros três retratos, acrescento ao desdobramento das produções alguns punhados de plantas que curam por meio do desenho de observação, todas foram coletadas nos jardins suspensos e internos da casa nomeados por *Herbária*, presentes na OCA, Ocupação Coletiva de Arteirxs no Porto de Pelotas. Em acetato transparente crio as cópias para serem impressas por meio da serigrafia, utilizo um formato de 90 x 60cm, formando uma tela grande contendo as sete ervas. (Figura 2). Um trajeto que sai do ateliê de um espaço autogestionado, passando pela cidade, sobrepondo estes ambientes do cotidiano, que para esta segunda parte do trabalho, pensava nas ruas através do Lambe, porém ocupou inicialmente duas galerias, a Livraria UFPel na 2ª Exposição de Arte e Natureza e na 1ª Mostra LGBTTQIA+ de Pelotas. (Figura 3).



(Figura 1: Colagem e Pintura.)



(Figura 2: Impressões serigráficas)



(Figura 3: Por Thamires Seus, Secult, 2018.)



(Figura 4)

As ações do Lambe (Figura 4), foram construídas em duas partes, pensando na natureza enraizada, nas espacialidades urbanas construídas, esquecidas, onde

¹ Na reciclagem desta revista de época, sendo um diálogo pessoal entre tempo e espaços distantes, mas que após a sua publicação demarcaria um momento transformador entre o surgimento das conquistas de leis para os povos originários ancestrais brasileiros no decorrer dos últimos 40 anos, mas no governo atual é mediado por uma estratégia de desconstrução destes direitos. (LONGO, 2017).

observo uma nova vitrine para as velhas paisagens, como uma possibilidade de apropriar de um fragmento visual dos meios urbanos. A escolha do muro na região do Porto de Pelotas, de forma anônima, um local que já possuía o rastro de um trabalho meu por meio da representação da sombra de uma árvore localizada na calçada, como forma de demarcar um possível território, mesmo consciente

das transformações que ocorrem rapidamente em uma cidade. Já a outra ação do lambe-lambe ocorreu nos espaços abandonados do Anglo – UFPel, em meio as ruínas de um imóvel que impossibilita o seu acesso. A intervenção participa da Mostra De Arte “Vértice Comum”, realizada por estudantes de Artes Visuais. (Figura 5).

Neste desdobramento das séries traz a terceira sessão intitulada: “Expurgo”, permite visualmente identificar por entre as faturas rígidas, materiais que saltem uma pintura através da colagem e utilização de ceras de velas e giz dissolvidos pelo efeito do fogo, tornam uma produção em movimento do derretimento à secagem, pois o efeito da parafina, ao escorrer, como uma gota que enrijece e imobiliza o gesto, cria um espontâneo aspecto líquido, que se decompõe com tinta óleo, sua transformação rápida de sólida para líquida, possibilita manusear e manipular as camadas pastosas. Sugerem diferentes formas de ausências, a perda de cor durante o derretimento, novas formas que revelam os espaços em branco, proporcionando uma incompletude da figura que escorre sem preencher toda a superfície da tela. (Figura 6.)



(Figura 5: Lambe)



(Figura 6: Derretimento)



(Figura 7: Ação Coletiva)

Aumentar o número de tiragens espontâneas para esta última série produzida, como uma forma de memorizar os processos utilizando de diversas técnicas antigamente exploradas por mim dentro do campo pictórico inicial, como o nanquim assoprado, acrílica em fatura aguadas, monotípias, desenhos que intervêm a própria pintura, poesias digitadas em máquina de escrever após a secagem da tinta, técnicas distintas que resultam em 22 obras em papel a4, extremamente coloridas e que são efetuadas em caráter coletivo, em impulsos criativos enquanto artistas e parceiras, Eduardo Pretto e Samuel Pretto do Coletivo Ruidosa Alma que durante o ato observávamos as obras das séries anteriores adicionando afinidades e experimentações em gestos de tintas. (Figura 7.)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escrita toma sua forma, possibilita criar um mapa que transporta as palavras que já estavam em um canto de minha imaginação, revelações que permitem catalogar dialogando minhas narrativas a outros campos de visões e perspectivas. Experiências essas que passam pelo campo pictórico e que passam pela escrita em toda sua investigação, dando formas a processos internos e externos de produção de textos em constantes desdobramentos, portanto processos naturais de um artista em seu trajeto por meio das coletas de fragmentos de seu cotidiano

Meu trabalho para a vontade de criar uma intervenção urbana traz esta maneira do olhar abastecer de outros sentidos, pensar nas rupturas que um trabalho de arte cria na visão cotidiana de uma rua, sugere o lambe-lambe como forma de provocar esse imediatismo da obra, assim como a pele, o descascar de uma obra

por meio das ações do tempo, ventos, chuvas e umidade que poderiam ocasionar.

Na pintura as faturas rudimentares e sem rostos, derretimentos, manchas no intuito de desfigurar os seres de gênero, contrastando com a natureza, enraizada em locais que dialogam com as esquecidas feições, diante da memória me nutriram de referenciais ao observar obras de Gracia Barrios, Brett Amory, Ângela Monsam, Bianca Araújo, Anselm Kiefer, Helen Frankenthaler, Cindy Sherman, , Leila Danzinger. Permitindo revelar através da reflexão pessoal sobre as espacialidades em seu todo, um processo de reconhecimento que nos projetos do Ateliê Judith Bacci, permite uma construção entre artistas: mulheres trans e estudantes que elaboram parcerias para a sua consolidação, por meio da OCA (Ocupação Coletiva de Arteirxs), sendo um local que proporciona suporte de convivência e estudos na qual desenvolvem oficinas desde 2014, tornando ferramentas essenciais de produção em espaços alternativos dentro da cidade. Portanto, somos feitos de encontros e referências, por meio da Inserção da narrativa pessoal sendo uma maneira essencial de expressão, político e que possibilita se afirmar enquanto força criativa, como sugere (FOCAULT: 2004).

4. CONCLUSÕES

Diante de uma violência institucionalizada que para a artista exteriorizar gestos contidos de resistência, representar os espaços inseridos e de vivências pessoais, operando em transformar o ambiente que compõem as obras e o principal, refletir os mecanismos que a mesma está inserida. Desta maneira, o processo de produção e a imaginação criadora permite deslocar o próprio corpo de seus sofrimentos, sugere a criação de uma poética regenerando a atmosfera, sustentadas pela articulação de diferenças, essas experiências sugerem reflexões e possibilitam construir um local de corpo-e-fala.

Por fim, inserir a própria obra nas ruas obtendo uma experiência com suas visualidades cotidianas, através de uma linguagem que se apropria de ambientes abandonados em paralelo à ocupação de um imóvel sem usos, sugerindo consolidar um espaço propositivo para produção de trabalhos locais que revelam as espacialidades esquecidas que partem de um determinado estranhamento, sendo o reconhecimento de suas possibilidades, sendo o condutor das afirmações pessoais e ressignificações nestes espaços por meio da arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero – Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. In: **Gênero, Cultura Visual e Performance**. Org. Ana Gabriela Macedo; Francesca Rayner. Cap.6: p.69-89. : HÜMUS. Ribeirão/PT, 2011.

CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2009.

Documentos eletrônicos

FOCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista**. Org. Coletivo Sabotagem, 2004. Online. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org

LONGO, Ivan. **Dispara taxa de suicídio entre indígenas**. Org. Revista Forum, 2017. Online. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/dispara-taxa-de-suicidio-entre-indigenas/>